

## PERIFERIA E VESTIBULAR: CAROLINA MARIA DE JESUS E RACIONAIS MC'S

## PERIPHERY AND ENTRANCE EXAM: CAROLINA MARIA DE JESUS AND RACIONAIS MC'S

Rosana Apolonia Harmuch\*

UEPG

“A literatura é uma atividade sem sossego.”

Antonio Candido

**Resumo:** As listas de obras literárias propostas pelas Universidades para as provas de vestibular são sempre controversas. Podem ser vistas tanto como simplificadoras e autoritárias, quanto como fonte razoável de recursos financeiros, sobretudo para as editoras. Entretanto, há que se registrar que elas podem também ser compreendidas como uma trincheira de resistência da Literatura numa guerra inglória travada preponderantemente nas escolas. Para os professores da área, as listas são, muitas vezes, um apoio para as aulas cujos conteúdos são, via de regra, vistos como algo enfadonho. Mas o destaque deste texto é dado ao fato de que as listas também podem ser um poderoso instrumento de desestabilização do cânone literário e, por conseguinte, exigentes de ferramentas nem sempre disponíveis no conforto dos livros didáticos. Os objetos escolhidos para a reflexão aqui proposta são *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, e *Sobrevivendo no inferno*, do grupo Racionais MC's, ambos selecionados para listas de vestibular. O primeiro está na da UFRGS (2019/2020), na da Unicamp (2019) e na da UEPG (2019). Já o disco/livro de rap está na lista da Unicamp para 2020.

**Palavras-chave:** Vestibular. *Quarto de despejo*. *Sobrevivendo no inferno*.

**Abstract:** The lists of literary works are proposed by universities for the entrance examination are always controversial. They can be seen as both simplifying and authoritarian, and as a reasonable source of financial resources, especially for publishers. However, it should be noted that they can also be understood as a trench of resistance of Literature in an inglorious war waged predominantly in schools. For literature teachers, lists are often a support for classes which content is usually viewed as boring. But the highlight of this text is that lists can also be a great instrument for destabilizing the literary canon and therefore demanding tools not always available in the comfort of textbooks. The objects chosen for the reflection proposed here are *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, by Carolina Maria de Jesus, and *Sobrevivendo no Inferno*, by the rap group Racionais MC's, both selected for entrance examination lists. The first is at UFRGS (2019/2020), Unicamp (2019) and UEPG (2019). The album/rap book is on Unicamp's list for 2020.

**Keywords:** Entrance examination. *Quarto de despejo*. *Sobrevivendo no inferno*.

---

\* Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: rosanaharmuch@hotmail.com

A afirmação de Antonio Candido que escolhi para epígrafe abre o texto *Timidez do romance*, publicado em 1989. Ao explicar essa condição da literatura, ele repete o que muitos fizeram antes e o que muitos continuam fazendo: especular sobre os motivos que fazem com que a literatura tenha que, permanentemente, se justificar. O uso do verbo ser, no presente, não é uma escolha aleatória. Antonio Candido se refere a um estado mesmo da literatura, é assim que ela ‘é’. E ele afirma, ainda:

Não só os ‘homens práticos’, mas os pensadores e moralistas questionam sem parar a sua validade, concluindo com frequência e pelos motivos mais variados que não se justifica: porque afasta de ‘tarefas sérias’, porque perturba a paz da alma, porque corrompe os costumes, porque cria maus hábitos de devaneio. Outro modo de questioná-la, às vezes inconscientemente, é justificá-la por motivos externos, mostrando que a gratuidade e a fantasia podem ser convenientes como disfarce de coisa mais ponderável (CANDIDO, 1989, p. 82).

A atualidade dessas considerações é atestada por todos os professores de literatura e mesmo por aqueles que não trabalham diretamente com ela, mas convivem com o texto literário com familiaridade. Não há sossego para uma atividade que não oferece a concretude com a qual a sociedade se sente mais confortável em lidar. Se nas escolas temos resistência de alunos e mesmo de professores, é porque temos o mesmo na sociedade. A escola reflete o menosprezo generalizado do senso comum que não vê na literatura resposta para um pragmatismo simplista voltado para o fazer e para a geração imediata de resultados e de lucros. A literatura não tem mesmo sossego.

Um dos poucos lugares em que ela encontra algum conforto é nas listas propostas pelas Universidades públicas para seus processos seletivos. E, mesmo que seja muito difícil se desvencilhar do quanto possa haver de simplificação ou até de autoritarismo em constituir uma lista, as condições de inanição em que se encontra a literatura me fazem defender essa estrutura como sendo uma forma de resistência. Há uma série de fatores responsáveis por esse estado que costumo definir, afirmando em sala de aula, que a literatura respira por aparelhos. Esses fatores se solidificam em questões muito específicas, como por exemplo o fato de a Literatura não ser constituída como uma disciplina independente no currículo da Educação Básica. Os conteúdos aparecem como parte da disciplina de Língua Portuguesa e apenas no Ensino Médio. Pelo mesmo motivo, na Educação Básica não há concursos específicos para professores de Literatura, embora ao longo da formação docente seja necessário que o aluno(a) do curso de Letras opte por essa ou por outra área, seja ao se inserir em projetos de Iniciação Científica, seja ao determinar o tema de seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Além desse fator, o número de aulas de Língua Portuguesa nos currículos vem sendo reduzido o que, sem dúvida, dificulta que seja realizado um trabalho eficiente.

E não é preciso detalhar que fora dos limites da escola a situação também não é favorável. Alberto Manguel faz uma síntese feliz do alcance e das consequências do império da pressa, que menospreza atividades que exigem concentração e mesmo algo bastante fora de moda, o exercício do ensimesmar-se:

Em nossa época, para criar e manter a engrenagem forte e eficiente do lucro financeiro, *escolhemos coletivamente* a velocidade em vez da lentidão deliberada,

respostas intuitivas em vez da reflexão crítica detalhada, a satisfação de conclusões automáticas ao alcance da mão em vez do prazer da concentração e da tensão entre as várias possibilidades que não exigem um fim conclusivo. Se o lucro é a meta, a criatividade deve sofrer (2009, p. 25, grifo meu).

Destaco na citação a expressão “escolhemos coletivamente”, porque, a rigor, é disso que se trata. Naturalmente há quem resista e prefira o que ele chama de “tensão”, ao invés de respostas imediatas, mas, nesse caso, estamos tratando de exceções. Do ponto de vista amplo, no âmbito político em especial, temos assistido não apenas no Brasil a um ataque sistematizado à Ciência, a um menosprezo pelo conhecimento, e, mais acentuadamente, às Ciências Humanas. Assegurar a manutenção das listas de obras literárias para os vestibulares é, portanto, trincheira de guerra. Não há, no meu entender, nenhum exagero nisso, já que se trata de um território conquistado pela Literatura que, como tal, precisa ser mantido.

E se manter as listas é fundamental do ponto de vista político, a ação se torna ainda mais relevante quando temos, como é o caso aqui, a inserção de obras que problematizam uma série de questões sociais. E vão além; colocam na pauta várias outras, inerentes ao universo dos profissionais da área. Começo com as primeiras. *Quarto de despejo* e *Sobrevivendo no inferno* registram as vozes de cidadãos da periferia da cidade de São Paulo. Carolina Maria de Jesus, em 1960, e os componentes do grupo Racionais MC's, trinta anos depois, transformam o cotidiano de fome e violência em arte. Inconformados com o silenciamento a que foram (e a que são) historicamente submetidos, lançam seus textos/manifestos de modo a mostrar, primeiramente, que existem. Depois desse registro de existência, essas vozes dizem também como vivem e como são capazes de assumir, inclusive esteticamente, seus próprios discursos.

A periferia de São Paulo é representada, portanto, em momentos históricos e sob óticas diferentes. O escrutínio de Carolina, que perambula quase que apenas a pé, raramente de bonde ou de ônibus, está em oposição à amplitude do olhar que têm os componentes do Racionais. Cidadãos dos tempos da democratização da TV e da internet, conhecem e registram não apenas a própria condição, mas também a de muitos outros, inclusive de outras regiões do Brasil e mesmo de outros países que vivem em conjunturas parecidas. Há na produção dos Racionais uma consciência muito clara do alcance da música, seja por conta da realização dos shows, seja por conta do veículo disco.<sup>1</sup>

No mundo de Carolina, a violência que esmaga e humilha é preponderantemente a doméstica. São muitas as brigas entre vizinhos ou entre membros de uma mesma família. Embora haja outras formas de violência apenas aparentemente menos terríveis. Refiro-me, por exemplo, à quase total ausência de privacidade, já que todos moram de forma muito precária e ouvem tudo que acontece com os vizinhos, seja a partir das conversas, brigas, rádios ligados, relações sexuais etc. Essa condição, por óbvio, muitas vezes impede o sono e mantém as crianças expostas ao mundo dos adultos de uma forma bastante agressiva. Outra forma de violência, também terrível, é mais silenciosa. Trata-se do modo como a sociedade vai gradativamente empurrando os mais pobres para as áreas mais distantes e desestruturadas da cidade. A cidade só permite a existência dessas pessoas se for onde não há sequer água, muito menos saneamento básico,

<sup>1</sup> A democratização da internet trouxe um grande impacto a essas produções, impulsionando uma circulação em moldes enormes. E, mais recentemente, em 2018, o disco *Sobrevivendo no inferno* foi lançado no formato livro, pela Companhia das Letras.

por exemplo. No cotidiano de Carolina, é preciso acordar muito cedo para enfrentar o primeiro desafio do dia: a imensa fila para conseguir um balde de água.

No mundo dos Racionais também há diversas formas de violência, mas há uma que se impõe imperiosamente. É a que chega a partir da presença do tráfico. Por conta dele, a favela se torna um espaço de morte frequente e, muitas vezes, banalizada. É possível dizer que aqueles que foram despejados, para usar a metáfora de Carolina, para as regiões mais pobres da cidade são, no presente da escrita de *Sobrevivendo no inferno*, os que resistem. O uso da palavra sobreviver é, portanto, literal. A morte violenta é cotidiana, de modo que o que os rapazes do Racionais fazem, como eles próprios afirmam, é contrariar a estatística: “*Permaneço vivo, prossigo a mística / Vinte e sete anos contrariando a estatística*” (RACIONAIS, 2018, p. 56)

Exposta à discriminação racial, à violência e à falta de perspectivas, o inimigo diário que Carolina enfrenta é principalmente a fome. A estrutura do texto espelha a condição sufocante vivida pela personagem. Somos arrastados para a sequência interminável da busca de comida. No universo dos Racionais, os inimigos são os mesmos, mas é a violência que se sobressai. Em ambos, a estrutura textual confina o leitor em atmosferas labirínticas em que as repetições, longe de causarem enfado, como é o efeito mais comum, impõem a humilhação da fome, que mata devagar, e o horror permanente da violência, que mata sem titubeios.

A consequência mais óbvia é que a inserção dessas duas obras nas listas coloca professores e alunos de diversas camadas sociais diante da brutal realidade de milhares de cidadãos brasileiros, o que, não há dúvida, é fundamental. Para o trato específico com o literário, há um alerta feito por Antonio Candido na citação inicial deste texto: não é adequado justificar o discurso literário a partir, apenas, do que ele chama de ‘motivos externos’. *Quarto de despejo* e *Sobrevivendo no inferno* partilham e denunciam, por meio das listas de vestibulares, um retrato preciso da manutenção da desigualdade social brasileira. Mas não fazem apenas isso, caso contrário estaríamos tratando de documentos de interesse sociológico. Sobejam, portanto, “motivos externos” para valorizarmos essas duas obras, mas elas estão muito além dessa condição.

Conforme já afirmado, a presença desses dois textos nas listas oportuniza que algumas questões bem específicas dos estudos literários e conseqüentemente da formação dos docentes da área sejam colocadas em discussão.

A primeira e mais evidente delas é que estamos tratando de obras que não fazem parte daquele cânone literário sedimentado nos livros didáticos para o Ensino Médio. E mesmo que saibamos que o cânone não é uma instituição estável por natureza, nos materiais didáticos ele é, com raríssimas exceções, tratado como se fosse. Como a crítica literária é sempre resultado da produção que a antecede, a imprecisão contemporânea é a tônica. É o que assinala, por exemplo, a professora Malmaceda, em seu estudo sobre a obra dos Racionais MC’s:

A questão taxonômica, advinda de uma tradição ocidental, tem sido sistematicamente desconstruída, acusada de logocentrismo e desatualização, face aos adventos da contemporaneidade. Não é mais possível delimitar com absoluta precisão o que pertence ao âmbito do literário e o que não, pois não há nela uma essência e sim um constructo, que condiz com as aspirações de um momento histórico (MALMACEDA, 2017, p. 9).

O professor que atua diretamente com os alunos que se preparam para os diversos exames de seleção tem plena consciência de que a Literatura não se restringe a uma sequência de escolas literárias e seus autores mais renomados, mas, em especial por restrições financeiras, as aulas acabam muitas vezes restritas ao que está previamente inscrito no livro didático.

Muito dificilmente, ao menos eu não tenho conhecimento, *Quarto de despejo* é objeto de estudo em algum livro didático. *Sobrevivendo no inferno* com certeza não é. Estamos tratando, portanto, de textos para cujas aulas os professores terão que mobilizar seu repertório próprio de analistas de literatura. Terão que fazer uso das ferramentas que lhes foram fornecidas ao longo dos anos em que estiveram na Universidade.

Para além da leitura, é então a pesquisa que se impõe. O enfrentamento de textos como esses se dá de modo diferente. Mesmo quando consta em alguma lista uma obra ainda não lida pelos professores, se ela faz parte do discurso institucionalizado que afirma que se está tratando de um texto cujo valor estético é indiscutível, o trato com ele é outro. Ademais, a simples presença dessas obras nos livros didáticos estabelece uma zona de conforto. Ao ter que preparar aulas sobre *Quarto de despejo* e *Sobrevivendo no inferno*, é muito mais provável que os professores tenham que responder por que esses dois textos são literários. E é até possível, mas pouco provável que os mesmos alunos façam esse questionamento em relação a *Vestido de noiva*, por exemplo (que também está na lista da UEPG/2019). Uma amostra clara de que não apenas os alunos teriam/têm dificuldades em relação à atribuição de valor literário ao texto de Carolina e aos dos Racionais está em uma afirmação do poeta e crítico literário Augusto de Campos. Quando da publicação da lista da Unicamp, em uma entrevista, ele afirmou: “Tanto Ana Cristina como os Racionais não têm categoria para figurar ao lado de Camões numa prova de vestibular. OK? Chamo isso de oportunismo popularesco”. (CAMPOS apud CECÍLIA, 2018). Para aqueles que, como eu, não veem “oportunismo popularesco”, a presença de Carolina e dos Racionais em listas de vestibular é um reconhecimento importante do valor estético de *Quarto de despejo* e de *Sobrevivendo no inferno* para o universo literário brasileiro. E mesmo que haja reações bastante negativas, como a de Augusto de Campos, a polêmica instaurada é produtiva, já que faz com que muitas pessoas se inquietem com essa tal Literatura. É um bom revide. Se a Literatura é uma atividade sem sossego, como disse Candido, é muito justo que ela tire também o sossego de muitos mais do que aqueles de sempre (nós, no caso).

A inserção de discos em listas de vestibulares não é iniciativa apenas da Unicamp. Para a prova de 2015, a UFRGS indicou o disco *Tropicália ou panis et circensis*. No ano seguinte, não se pode desconsiderar esse dado, o Prêmio Nobel de Literatura foi concedido ao cantor e compositor Bob Dylan. Para 2018, a lista da UFRGS incluiu o disco *Elis & Tom*. Da consideração de Augusto de Campos, ficamos autorizados a fazer três afirmações. A primeira é a de que ele pode não estar muito atualizado em relação aos interesses das Universidades em contribuir para o necessário e democrático respeito ao fato de que os gêneros literários não são muito obedientes. No caso específico das relações entre música e poesia mais ainda (ou entre ópera e romance, por exemplo). A segunda é a de que o apego a um entendimento do que seja o cânone é que precisaria ser revisto. Lembremos que a observação negativa de Campos inclui a obra de Ana Cristina Cesar. A terceira é a mais preocupante, se considerarmos especificamente a indicação de *Sobrevivendo no inferno*. Quanto haveria de prévia desqualificação, por se tratar de rap talvez, na categórica expressão “oportunismo popularesco”?

A reflexão sobre como se solidifica a resistência me leva a afirmar que não tenho dúvidas de que parte dela se deve a uma concepção de literatura muito atrelada à retórica, ao suposto bem dizer, condicionado, é claro, à obediência à norma-padrão da língua portuguesa. O império da oralidade afasta *Quarto de despejo* e *Sobrevivendo no inferno* do que muitos consideram como valor literário. E é claro que a referência aqui é a uma oralidade oriunda das populações mais marginalizadas, o que sem dúvida também tem seu peso. Ou seja, para muitos, o diário de Carolina, assim como as letras de *Sobrevivendo no inferno* não poderiam ser lidos e compreendidos como literatura, por conta da presença constante de violações às regras gramaticais. Nos dois excertos que seguem, temos bons exemplos de que a desobediência à norma-padrão não é obstáculo:

Tem uns barato que não dá pra perceber  
 Que tem mó valor e você não vê  
 Uma pá de árvore na praça, as criança na rua  
 O vento fresco na cara, as estrela, a lua (RACIONAIS, 2018, p. 68 / Tô ouvindo  
 alguém me chamar)

Quando as mulheres feras invade o meu barraco, os meus filhos lhes joga pedras.  
 Elas diz:

– Que crianças mal iducadas!

Eu digo:

– Os meus filhos estão defendendo-me. Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos (JESUS, 2014, p. 20).

Em outra frente, estão os que, com uma atitude que é ofensivamente de condescendência, aceitam (ou, para usar um verbo bastante problemático, toleram) que esses textos sejam tratados como importantes, mas no sentido de que documentam as mazelas de parte significativa da sociedade. Dito de outro modo, esse trato não considera as duas obras a que aqui me refiro como literatura, mas como registros que precisam ser valorizados dada a sua condição de denunciadores de uma realidade que nem todos conhecemos, mas diante da qual não podemos e não devemos ficar indiferentes.

Essa concepção sociológica das duas obras se deve ao modo como elas se relacionam com o elemento que, para os estudos literários, é de fundamental importância. Refiro-me ao realismo, ao modo como se dá a apropriação do real para representá-lo. Esse sempre foi e continua sendo um aspecto controverso nos estudos literários. Se a relação entre a realidade e a ficção nunca foi tranquila, quando se trata da aproximação mais direta, de obras cujos efeitos geram até mesmo um certo desconforto em alguns leitores, o resultado é a alimentação da polêmica. A aparente crueza na representação da realidade pode criar a impressão de que não houve mediação, de que se está diante da vida em absoluto e que não haveria, portanto, nada ali que justificasse o rótulo de ficção. E há, é claro, o exato oposto dessa relação, que se dá quando se considera uma obra ruim por não representar o real tal como o concebemos.

A utilização da oralidade, como explicitado há pouco, potencializa essa percepção equivocada de que não se estaria tratando de textos ficcionais, mas sim de registro direto do real. Outro traço que problematiza a relação com a realidade é a escolha do gênero. O diário, embora mais evidente no texto de Carolina (inclusive no subtítulo), é, em certa medida, o escolhido também em *Sobrevivendo no inferno*, já que temos, em cada canção, uma narrativa que apresenta um fragmento do cotidiano da comunidade. E apesar de termos, nos estudos literários, uma longa e respeitada tradição na produção de diários, eles costumam desagradar aqueles que os leem como sendo fruto de um mero arquivo de experiências.

Na estrutura de *Quarto de despejo*, o tempo é de pouco mais de cinco anos. A primeira data registrada é 15 de julho de 1955 e a última se dá em 1 de janeiro de 1960 (os anos de 1958 e 1959 são os que, preponderantemente, receberam a atenção de Carolina). As letras de *Sobrevivendo no inferno*, embora não obedeçam a uma ordem cronológica, são pequenas narrativas que trazem *flashes* do cotidiano da periferia. Podem ser lidas como contos em verso, cada um com seus narradores, personagens e perspectivas.

Ainda no que diz respeito ao gênero, no caso específico das letras dos Racionais, é preciso considerar a relevância dos vínculos entre a música e a poesia. Na escola, mas não apenas nela, a narrativa em prosa, mais especificamente o romance, assumiu o protagonismo. Os fenômenos editoriais de venda são romances. As pessoas que se veem como leitoras são leitoras de romances, de modo que a poesia é um gênero muito pouco lido. E, mais uma vez, temos que reconhecer a importância das listas de obras para vestibulares que, nesse caso em específico, ajudam a manter a poesia um pouco mais próxima dos alunos do Ensino Médio. Nesse sentido, lembrar os alunos e mesmo a sociedade de modo geral da relação não apenas histórica, mas intrínseca entre a poesia e a música só traz vantagens.

Se há em muitas obras literárias, como nas que aqui são objeto de análise, um interesse bastante evidente em representar ou construir o real para o leitor de modo a se aproximar quase que do documento histórico, não se pode pensar em um real cru, de forma absoluta. Há que se considerar, sempre, que o sistema que viabiliza essa representação é anterior a ela, de modo que só é possível representar com o uso do único instrumento de que dispomos: a linguagem. E é nessa condição que residem as respostas para a pergunta que acompanha qualquer profissional que, como eu, se interesse por literatura de forma sistematizada: como foi feita essa representação? Neste caso, de que modo o cotidiano da periferia está construído em *Quarto de despejo* e em *Sobrevivendo no inferno*?

Uma primeira diferença está na perspectiva. No diário de Carolina, é a voz dela a responsável por nos guiar no espaço físico em que ela transita e também no espaço dos sentimentos vivenciados na jornada diária cujo principal embate se dá contra a fome. Para além de vencer a fome, o resultado maior de Carolina é resistir à desumanização que insiste em se instalar. Nesse âmbito, não há dúvida de que a leitura, mas sobretudo a escrita se configura como a resistência. Escrever é processar o vivido, filtrá-lo de modo a compreendê-lo, experimentá-lo por outra via, que não apenas a do estômago. Escrever é, portanto, transformar. Data de 12 de junho de 1958 a seguinte reflexão:

Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. (...) Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo

vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. [...] As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginarios (p. 58-60).

Em momentos como esse, Carolina explicita um dos muitos significados da ficção. É importante destacar como se dá de forma múltipla essa explanação de justificativas para a escrita. Desse excerto, podemos depreender uma resposta individual: escrevo para suportar as “miserias”; no trecho anteriormente citado, a escrita se configura como arma de defesa e ao mesmo tempo de vingança: “Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem.” (JESUS, 2014, p. 20). E há a decisão de escrever por acreditar que a publicação do livro traria condições financeiras melhores e possibilitaria a saída da favela.

Da mesma forma, a escrita é motivo de reflexão para os Racionais, como se vê a seguir, por exemplo: “Minha palavra vale um tiro, eu tenho muita munição” (p. 49), “Vim pra sabotar seu raciocínio” (p. 50), “Descanse o seu gatilho, descanse o seu gatilho / Entre no trem da malandragem, meu rap é o trilho” (p. 129). Trechos como esses esclarecem a opção pela arte engajada politicamente e a consciência do alcance da produção. O uso de metáforas oriundas do universo da violência, “tiro”, “munição” e “gatilho” aproximam os efeitos da poesia do efeito que se denuncia nos textos. Há muito tiro na comunidade, mas também muito a dizer sobre essa realidade, o que inclui o convite para que outros venham também se expressar: “entre no trem da malandragem” e esse trem é o da arte musical.

Em relação à perspectiva, ao contrário do diário de Carolina, em *Sobrevivendo no inferno* temos quatro pessoas responsáveis pelos textos, do ponto de vista empírico. E esse espaço de vozes se amplia, por exemplo, no caso específico da canção ‘Diário de um detento’, que é

Resultado de um processo coletivo de construção, uma parceria entre Jocenir, um dos sobreviventes do massacre do Carandiru, e Mano Brown. Além disso, os cadernos de Jocenir circularam pelo presídio para serem aprovados pelo coletivo carcerário antes da sua versão final. Nesse sentido, trata-se de uma canção que foi de fato composta por toda a comunidade carcerária, cujo sistema de valores é definido coletivamente a partir de múltiplos olhares que se sobrepõem na canção. (OLIVEIRA, 2018, p. 29).

Para além dessa questão da autoria, os textos registram também uma concepção de coletividade ao mostrar personagens variados em seus enfrentamentos também eles variados. Há o viciado “Ontem à noite eu vi na beira do asfalto / Tragando a morte, soprando a vida pro alto / Ó os cara, só o pó, pele e osso / No fundo do poço, uma pá de flagrante no bolso” (p. 51). Há o que se prostitui “Em troca de dinheiro e um carro bom / Tem mano que rebola e usa até batom” (p. 54). Há o presidiário “Aqui estou mais um dia / Sob o olhar sanguíneo do vigia / Você não sabe como é caminhar / Com a cabeça na mira de uma HK” (p. 83). Há o policial “Na muralha, em pé, mais um cidadão José / Servindo um Estado, um PM bom / Passa fome metido a Charles Bronson” (p. 83). Há o trabalhador “Roubaram o dinheiro daquele tio! / Que se esforça, sol a sol, sem descansar / Nossa Senhora o ilumine e nada vai faltar / É uma pena,

um mês inteiro de trabalho / Jogado tudo dentro de um cachimbo, caralho!” (p. 93). Há o que foi tido como traidor e recebe a vingança “Aí, mano, o Guina mandou isso aqui pra você! / Mas depois do quarto tiro eu não vi mais nada / Sinto a roupa grudada no corpo / Eu quero viver, não posso estar morto” (p. 69). E há muitos outros, de modo que o conjunto das canções compõem um painel humano afastado do maniqueísmo simplista que determina quem é bandido e quem é vítima. Esse é justamente um dos aspectos destacados pelo professor Acauam de Oliveira, que registra essa como sendo uma das diferenças centrais entre *Sobrevivendo no inferno* e as obras anteriores do grupo:

A obra se torna essencialmente aberta, apresentando perspectivas que são confrontadas da forma mais complexa possível e assumindo um modelo épico de representação narrativa, conforme definido por Walter Garcia. Longe de tornar o conjunto incoerente, a multiplicidade de vozes e olhares oferece uma percepção mais densa da realidade periférica ao conferir à dispersão das experiências particulares fragmentárias um sentido geral de coletividade (OLIVEIRA, 2018, p. 29).

Do ponto de vista formal, há, portanto, personagens diversos cujos discursos encontram espaço. Democraticamente, as letras/canções/poemas/contos oferecem a todos a oportunidade de partilhar o modo como enfrentam o cotidiano, em sua dimensão não apenas vinculada à concretude do desemprego, da discriminação racial, da violência etc. Os textos registram também as inquietudes comuns do humano no seu enfrentamento da morte, da dor e, claro, do papel da arte diante da pequenez que nos caracteriza. Como disse o professor Gutierrez: “Quem tem potência de pensamento, quem quer filosofar, mas não pode frequentar as escolas e universidades, faz música”. (GUTIERREZ, apud CECÍLIA, 2018).<sup>2</sup>

E se não faz música, faz diário. O veículo muda, mas não a “potência de pensamento” a que se refere o professor. No trecho que segue, Carolina resume sua perspectiva filosófica:

Ela perguntou-me se catar papel ganha dinheiro. Afirmei que sim. Ela disse-me que quer um serviço para andar bem bonita. Ela está com 15 anos. Epoca que achamos o mundo maravilhoso. Epoca em que a rosa desabrocha. Depois vai caindo petala por petala e surgem os espinhos. Uns cançam da vida, suicidam. Outros passam a roubar. (...) Olhei o rosto da mocinha. Está com boqueira (JESUS, 2014, p. 60).

Mais que resumir as diferenças de concepção do que seja a vida em diferentes fases, Carolina o faz usando uma das metáforas mais festejadas pela poesia e mesmo pela própria filosofia, a da flor cuja efemeridade nos simboliza. E, no final do trecho, a metonímia em forma de ferida encerra a reflexão de que o fim está instalado no início.

Em outro trecho, Carolina, mais uma vez, nos lembra que pouca ou quase nenhuma escolaridade não é sinônimo de incapacidade metafísica: “Esquentei o arroz e os peixes e dei para os filhos. Depois fui catar lenha. Parece que eu vim ao mundo predestinada a catar. Só não cato a felicidade”. (JESUS, 2014, p. 81).

A busca de um possível sentido para o que nos torna o que somos, “predestinada a catar”, por exemplo, pode ser, muitas vezes, resolvida com a aderência a uma determinada religião.

<sup>2</sup> Gabriel Gutierrez é professor de produção cultural nas Faculdades Integradas Hélio Alonso, no Rio de Janeiro. É pesquisador da obra do grupo Racionais MC's.

A possibilidade de aceitação de que há uma recompensa para além do cotidiano de fome e de violência na existência de uma força maior que nos organiza, de um deus que nos acolhe e nos protege não garante calma, tanto em *Quarto de despejo* quanto em *Sobrevivendo no inferno*. A consciência das responsabilidades políticas pelas diferenças sociais que sufocam os mais pobres em cotidianos de fome e de violência está nos dois livros. No diário de Carolina, há muitas passagens que explicitam a compreensão que ela tem da organização social que impede que se encontrem saídas para os problemas que ela e a comunidade enfrentam. Por exemplo:

O Povo está dizendo que o Dr. Adhemar elevou as passagens para vingar do povo porque lhe preteriram nas urnas. [...] O povo não sabe revoltar-se. Deviam ir no Palácio do Ibirapuera<sup>3</sup> e na Assembleia e dar uma surra nestes políticos alinhavados que não sabem administrar o país (p. 129).

Em outro momento de muita clareza, Carolina narra a visita de um candidato a deputado que a abraça na rua:

Fiquei perplexa com aquele abraço sem apresentação. É a primeira vez que vejo o homem. A cunhada do Coca-Cola disse-me:

– Este é o nosso deputado. Dr. Contrini.

Quando ela disse deputado federal pensei: é época de eleições, porisso é que eles está amável.

O senhor Contrini veio nos dizer que é candidato nas eleições. Nós da favela não somos favorecidos pelo senhor. Não te conhecemos (JESUS, 2014, p. 106).

Ao contrário do que ocorre com o discurso de Carolina, no dos Racionais, a religiosidade é uma constante. As referências bíblicas estão presentes de forma bastante explícita, mas seria um engano pensar que há nas canções um chamado simplista para os consolos que podem vir ao se buscar respostas em uma força espiritual. Pelo contrário, a crença religiosa é madura o suficiente para ser também interpelada e cobrada sem ingenuidade. Em ‘Mágico de Oz’, por exemplo, temos “Queria que Deus ouvisse a minha voz / E transformasse aqui no mundo mágico de Oz [...] / Às vezes eu fico pensando se Deus existe mesmo, morô? / Porque meu povo já sofreu demais e continua sofrendo até hoje”. (2018, p. 116-118). Em ‘Fórmula mágica da paz’, a interpelação se dá de forma ainda mais direta: “Na parede, o sinal da cruz / Que porra é essa? Que mundo é esse? Onde tá Jesus? / Mais uma vez o emissário / Não incluiu o Capão Redondo em seu itinerário”. (2018, p. 127).

A responsabilidade social das Universidades e conseqüentemente de seus vestibulares se concretiza de diversas formas. A constituição das listas é apenas uma delas, mas de enorme relevância e alcance. E, retomando os dois aspectos centrais das preocupações deste texto, o social e o estético, faço aqui uma consideração ambivalente. Melancólica, mas também potencialmente energética. Em 1880, Castro Alves publicou ‘Navio negreiro’, poema de imensa força estética de combate à escravidão. Nele, o “Senhor Deus dos desgraçados!” também não responde ao clamor dos que são transportados de forma “infame e vil”. O quadro que Carolina nos apresenta, em 1960, assim como o que os Racionais nos trazem em 1997 é de atualização da

<sup>3</sup>Na época em que Carolina escreveu, o gabinete do prefeito funcionava nesse local.

escravidão. Condenados à falta de perspectivas e ao conseqüente aprisionamento, seja pela fome e pela humilhação, seja pela violência e pela cadeia em sentido literal, muitos brasileiros seguem residindo em quartos de despejo e sobrevivendo no inferno. Oportunizar que esses brasileiros encontrem espaço para seus discursos é sem dúvida um grande passo. Mais que isso, oferecer um lugar nas listas para os vestibulares para que esses discursos sejam mais amplamente lidos e ouvidos é estratégia de resistência. O mesmo pode ser dito ao se reconhecer o valor estético dessas produções. Não se trata, portanto, de aceitá-las de forma ofensivamente condescendente, mas sim de respeitá-las como legítimas representantes da Literatura. Sem sossego, mas com isso estamos já acostumados.

## Referências

CANDIDO, Antonio. Timidez do romance. In: **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989. p. 82-99.

CASTRO ALVES. Antônio Frederico de. **Navio negreiro**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000068.pdf> . Acesso em: 29 jul. 2019.

CECÍLIA, Emiliana. **Vestibular une Racionais e Camões na mesma ‘quebrada’**; intelectuais se dividem sobre a questão. 2018. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/artes-e-livros/2018/06/18/noticias-artes-e-livros,229116/unicamp-junta-racionais-e-camoes-intelectuais-se-dividem.shtml> Acesso em: 29 jul. 2019.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2014.

MALMACEDA, Ana Laura Boeno. **A literatura nas canções dos Racionais MC's**. Uma análise comparatista à luz de Rubem Fonseca, Paulo Lins e Ferréz. 2017. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2017. Disponível em: [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/30353/1/ulfl240788\\_tm.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/30353/1/ulfl240788_tm.pdf) . Acesso em: 29 jul. 2019.

OLIVEIRA, Acauam Silvério de. O evangelho marginal dos Racionais MC's. In: RACIONAIS MC's. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Companhia das letras, 2018, p.19-37.

OLIVEIRA, Acauam Silvério de. **O fim da canção?** Racionais MC's como efeito colateral do sistema cancional brasileiro. 2014. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

RACIONAIS MC's. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

RACIONAIS MC's. **Sobrevivendo no inferno**. Casa Nostra/Zambia ZA 050-1, 2002, 2CD's.

## Referências indiretas

FISCHER, Luís Augusto. **Dez pitacos sobre o Nobel para Bob Dylan**. 2016. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2016/10/dez-pitacos-sobre-o-nobel-para-bob-dylan-7788666.html> . Acesso em: 29 jul. 2019.

GARCIA, Walter. Elementos para a crítica da estética do Racionais MC's (1990-2006). **Revista Ideias**. Campinas, n. 7, segundo semestre, 2013, p. 81-110. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8649382> Acesso em: 29 jul. 2019.

GARCIA, Walter. Ouvindo Racionais MC's. **Revista Teresa de Literatura Brasileira**. São Paulo, 2004, p. 166-180. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116377> Acesso em: 29 jul. 2019.

KEHL, Maria Rita. Radicais, raciais, racionais: a grande fratria do rap na periferia de São Paulo. **São Paulo Perspectiva**, v. 13, n. 3, jul./set. 1999, p. 95-106. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88391999000300013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88391999000300013) Acesso em: 29 jul. 2019.

PEREIRA, Luciara. Do quarto de despejo à sala de estar: aventuras de uma obra pelo campo literário. Belo Horizonte, **Revista Em tese**, v.13, 2009, p. 60-69. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3838/3783>. Acesso em: 29 jul. 2019.

PERPÉTUA, Elzira Divina. Produção e recepção de *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus: relações publicitárias, contextuais e editoriais. Belo Horizonte, **Revista Em tese**, v.5, dez. 2002, p. 33-42. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3405/3335> Acesso em: 29 jul. 2019.

SOUZA, Alessandra Araújo de. **Do quarto de despejo à sala de visita: experiência e narrativa nos diários de Carolina Maria de Jesus (1955-1961)**. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/9606/2/arquivototal.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2019.

YAMASAKI, Thaís Tiemi da Silva. **Escrit(ur)a (in)fame: (r)existência em Quarto de despejo**, de Carolina Maria de Jesus. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, 2018. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/332685/1/Yamasaki\\_ThaisTiemiDaSilva\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/332685/1/Yamasaki_ThaisTiemiDaSilva_M.pdf) Acesso em: 29 jul. 2019.

*Recebido em agosto/2019.*

*Aceito em novembro/2019.*